

UM PRODUTO EDUCACIONAL POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL: COLEÇÃO DE LIVRETOS

AN EDUCATIONAL PRODUCT THROUGH ORAL HISTORY: COLLECTION OF BOOKLETS

Grasielly dos Santos de Souza¹ 

Resumo

Esse artigo descreve uma Coleção de Livretos como produto educacional vinculado à pesquisa de mestrado de (SOUZA, 2019) que buscou compreender aspectos e construir uma história sobre uma modalidade de escola rural: Os Grupos Escolas Rurais, mais especificamente, O Grupo Escolar Usina Bandeirantes, localizado num complexo de usina de açúcar e álcool no Norte do Estado do Paraná no município de Bandeirantes. Parametrizadas na metodologia da História Oral, realizamos entrevistas gravadas com professoras e ex-alunos que vivenciaram o Grupo Escolar Usina Bandeirantes. A coleção de livretos é composta pelas narrativas orais que produzimos com cada depoente e, nossa narrativa de narrativas, que consideramos registros históricos da escola, são vozes que nos potencializam (re)criar uma escola rural e na falta dos documentos oficiais foram as vozes que ecoaram abrindo o caminho, o discurso de cada depoente, foi a força que possibilitou a produção de múltiplas histórias, de variados sentidos. O que produzimos, portanto, são discursos.

Palavras-chave: História da Educação Matemática. Educação Rural. Narrativas

Abstract

This article describes a Booklet Collection as an educational product linked to the master's research by (XXXX, 2019) that sought to understand aspects and build a story about a rural school modality: The Rural Schools Groups, more specifically, The Usina School Group Bandeirantes, located in a sugar and alcohol plant complex in the North of the State of Paraná in the municipality of Bandeirantes. Parameterized in the methodology of Oral History, we conducted recorded interviews with teachers and former students who experienced the Grupo Escolar Usina Bandeirantes. of the school, are voices that empower us to (re)create a rural school and in the absence of official documents, they were the voices that echoed opening the way, the speech of each deponent, was the force that made possible the production of multiple stories, with different meanings. What we produce, therefore, are discourses.

Keywords: History of Mathematics Education. Rural Education. Narratives

¹ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Abrindo a coleção de livretos...

O produto educacional “Eu conto, tu contas, nós contamos: histórias sobre o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes”, vinculado à pesquisa de mestrado “Da fuligem à Edificação do Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes: narrativas que contam história(s)” (SOUZA, 2019), traz à cena uma escola rural e envolve sujeitos que nos contaram suas histórias. No nosso caso, os nossos narradores protagonizaram o movimento de um Grupo Escolar Rural e, ainda, vivenciaram parte de suas vidas em prol de uma educação campestre², no Norte Pioneiro do Estado do Paraná, no período de 1947 a 1977. Trata-se do Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes, localizado na zona rural do município de Bandeirantes-PR, nas imediações de um complexo de uma usina de açúcar e álcool.

Nossa pesquisa insere-se no âmbito da História da Educação Matemática e o nosso objetivo explora um cenário mais amplo da escola, trazemos um olhar para o que foi uma escola rural e que, ao ser constituída narrativamente, vai nos revelando alguns de seus aspectos e nos permitindo perceber questões mais específicas do ambiente escolar.

Na busca por constituir uma história do Grupo Escolar, nos debruçamos para as possibilidades metodológicas pautadas na História Oral e acreditamos que essa metodologia possibilita que essa profusão de vozes reverbere, registrando, sempre de modo inaugural, marcas de uma experiência educacional.

Todo esse movimento nos levou a criação do nosso Produto Educacional “*Eu conto, Tu contas, Nós contamos: histórias sobre o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes*”, pois consideramos que as narrativas que produzimos com cada depoente e, nossa narrativa de narrativas, são registros históricos da escola, são vozes que nos potencializam (re)criar uma escola rural e na falta dos documentos oficiais foram as vozes que ecoaram abrindo o caminho, o discurso de cada depoente, foi a força que possibilitou a produção de múltiplas histórias, de variados sentidos. O que produzimos, portanto, são discursos. Elaboraões que, uma vez manifestadas/criadas na/pela linguagem, são fixadas pela escrita.

Por essa vertente, a *Coleção de Livretos* - baseados nas narrativas que produzimos durante a pesquisa é composta por três livretos - Compõem os livretos as narrativas dos ex-alunos, e as narrativas das professoras, e por fim, a narrativa de narrativas elaborada na pesquisa. Acreditamos que as narrativas são uma forma de comunicação e os livretos são fontes históricas privilegiadas quando se busca compreender, pelos registros da escrita, as possíveis relações entre os saberes

² Neste texto, assim como na nossa pesquisa, utilizamos o termo campestre(a) como um sinônimo de rural.

produzidos na escola e seus atores sociais, articulados nesse espaço de interação da prática educativa: gestores, professores, alunos, objetos educativos, dentre outros.

Dito de outro modo, vemos que essas histórias que registramos são como um “museu” para o Grupo Escolar e é de um valor imenso para professores e estudantes do município de Bandeirantes, mas também para a comunidade como um todo, para historiadores... São Histórias de uma cidade, de uma escola, de uma época, são potencialidades em movimento, é referência e é, também, possibilidade.

A coleção de livretos (capa na figura 1), é um produto dos atravessamentos, das inquietações, do afeto e dos deslocamentos dos movimentos inerentes *do fazer* pesquisa e de modo intrínseco do tornar-se, ou melhor, do *dever* pesquisadora. Difícil é encontrar um fio condutor que engloba o tema da pesquisa, dada a riqueza e a complexidade dos elementos encontrados nas narrativas de oito depoentes. Essa pluralidade corrobora discussões no entorno da História da Educação Matemática. De modo breve, sem intenções de fixar uma noção, a leitura dos livretos fornece oportunidade de se deparar com as diferentes perspectivas de narrativas e, além disso, é mediadora entre mundos e acena enquanto potência para compreender uma experiência escolar.

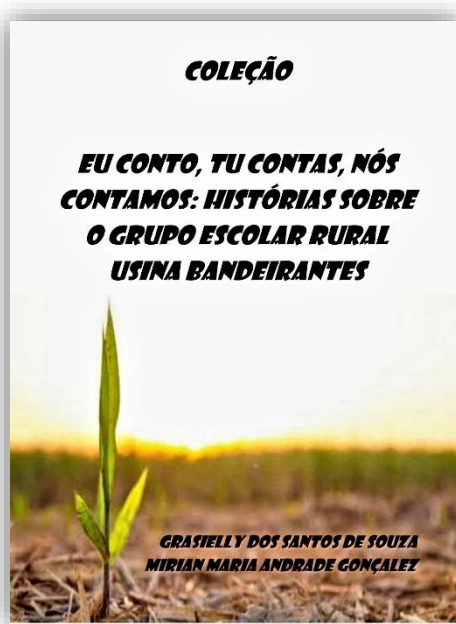


Figura 1: Capa da Coleção dos Livretos.

O primeiro livreto (volume 1) - figura 2 – “O hino, o sermão e a ordem do dia”, reúne e apresenta as histórias e as memórias, em forma de narrativas, de três ex-alunos que vivenciaram o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes.

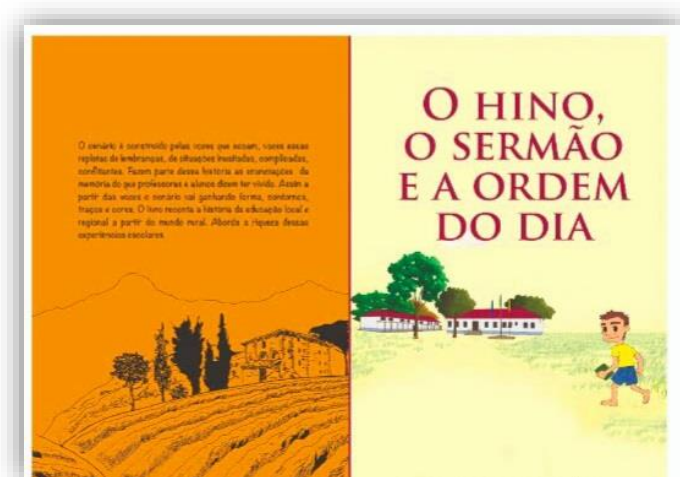


Figura 2: Capa do Livreto - volume 1.

As histórias que compõem este livreto são permeadas de saudosismo da escola e expressam as relações de poder colocadas em ação no cotidiano da escola, em que os registros dos ex-alunos dialogam e manifestam cuidados referentes às regras ali estabelecidas. Trazem à cena uma cultura escolar, assinalam a hierarquia das relações entre quem ensinava e quem aprendia. Revelam características do prédio escolar como também do ensino e da aprendizagem, rituais cotidianos, regras bem definidas. As falas estão permeadas pelas lembranças e crenças daquilo que o depoente acredita como aspectos essenciais de ensino e de aprendizagem ao se posicionarem. Algumas narrativas reconstituíram o universo cultural que lhe era peculiar ao descrever como era o modo de ensino na época (salas de aulas simples, pouco aparato, aulas tradicionais baseadas na tríade ler-contar-escrever...) e a proposta educacional de ensino do Grupo Escolar. Havia, ainda, um comprometimento, uma liberdade consciente entre o que se podia fazer e realizar dentro do espaço escolar.

“*Ofício de professora: a arte da educação rural*”, intitula o volume 2 (figura 3) da coleção e apresenta as narrativas elaboradas a partir das memórias de cinco ex-professoras desta escola.



Figura 3: Capa do Livreto – volume 2.

As narrativas das professoras que compõem o livreto volume 2, pela leitura das histórias das trajetórias de vida pessoal e profissional das educadoras de nossa pesquisa, possibilitam apreender teorias e práticas de formação, de ensino, de relações interpessoais e institucionais, de construção identitária - do ser educador - relacionados aos diferentes momentos e nos presenteam com a valorização social do professor naquela época (1947 – 1977).

As histórias das professoras enfatizam o respeito que recebiam dos alunos e toda essa valorização vinha da importância dada à educação, que propiciou uma representação sobre a profissão docente nas quais o professor era visto como o responsável pela formação do povo, o elemento reformador da sociedade, o portador de uma nobre missão cívica e patriótica. Aborda, também, o sentido de ser professora e todos os valores vinculados ao Grupo Escolar representado (a disciplina, a hierarquia, a padronização e o respeito). Possibilitam, ainda, acesso à cultura escolar do Grupo Escolar no que se refere ao ensino de matemática e, sobretudo, um breve panorama sobre a formação das professoras dessa escola.

Por fim, como mostra a figura 4, o volume 3, “*Entre a roça e o ditado: uma narrativa*”, trata de registrar a interpretação da pesquisadora, também em forma de narrativa, como resultado de uma análise das narrativas dos ex-alunos e ex-professoras. Então, ao tempo que compõem uma coleção de livretos, os registros narrativos podem ser lidos de modo independentes, tendo o volume 3 o caráter de sintetizar as compreensões em torno do objetivo da pesquisa.

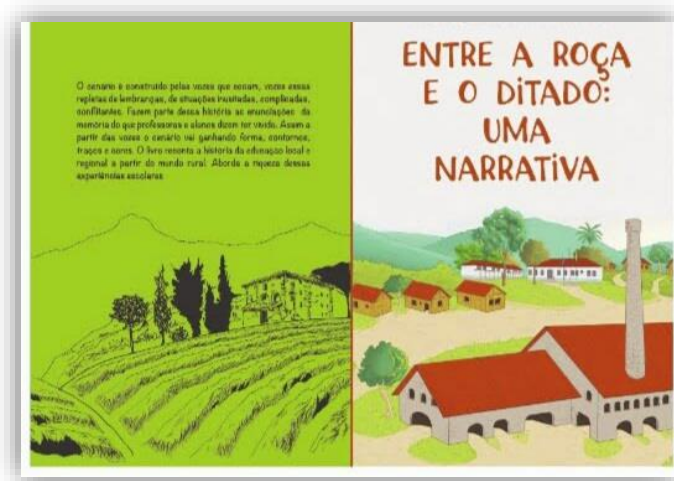


Figura 4: Capa do Livreto – volume 3.

A análise narrativa pode desempenhar o papel de construir os significados das experiências dos narradores (depoentes), mediante a busca de elementos unificados e coletivos, buscando com isso um desvelamento do modo autêntico da vida individual dos depoentes e da situação investigada.

Portanto, a coleção reconta uma história da educação local, e até regional, a partir do mundo rural, priorizando a diversidade sociocultural característica da população campesina numa determinada época (1947-1977). Procura dar visibilidade social à educação dos povos que habitavam as terras na cidade de Bandeirantes-PR. Aborda a riqueza dessas experiências escolares, focaliza o auge e a agonia de um jeito específico de organizar a escola rural.

A História Oral: breves considerações

Defendemos que, ao nos colocarmos em uma prática historiográfica, é importante nos questionarmos sobre nossas concepções sobre passado, história, historiografia e sobre os modos como o passado nos está “acessível” (ou passível de produção – como preferirmos). Contar histórias, narrar, relatar, enunciar... Contar história é uma arte de contá-las de novo. Cada voz traz novas histórias, “meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só, meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias” (LISPECTOR, 1964, p. 6). E essa nossa história teve um objetivo: compreender um Grupo Escolar Rural por meio das narrativas de alguns de seus personagens; professores e alunos. Parametrizados na metodologia da História Oral e assim essa história foi se construindo, ganhando vida, pulsando!

O modo como procuramos conduzir as entrevistas com os colaboradores e, posteriormente, a relação que procuramos estabelecer com cada narrador segue os apontamentos de Portelli (2016) sobre a postura dos que trabalham com História Oral, ou seja, as potencialidades do entrevistador se mostrar aberto e responder com ânimo às perguntas. “Eu principalmente escutei o que eles tinham para dizer. Eles viam que eu não os estava estudando, mas aprendendo com eles” (PORTELLI, 1997, p. 14).

Nessa pesquisa de mestrado foram produzidas seis entrevistas com professores e ex-alunos do Grupo Escolar, sendo duas delas com dois colaboradores ao mesmo tempo, totalizando oito colaboradores. Por meio de uma conjugação de diferentes perspectivas e enfoques, buscamos entender centros e margens das narrativas orais. Sob nossa ótica, não buscamos encadeamentos para idealizar o passado dessa instituição escolar (não se trata de modo algum de romantizar a escola) ou para retornar ao passado (restaurando a escola tradicional).

Após realizar as entrevistas com nosso grupo de depoentes, iniciamos o tratamento dos áudios de cada entrevista. Realizamos a transcrição, que se trata da escrita, palavra por palavra e também da tentativa do registro de entonações, das pausas, das expressões de tudo que foi dito naquele momento da entrevista. O pesquisador procura reproduzir, o mais fiel possível, todos os elementos linguísticos do diálogo entre pesquisador e narrador durante a entrevista, sem cortes e nem acréscimos. Entretanto, entendemos que ao transcrever uma entrevista alguns elementos podem se perder, há uma limitação da escrita de transportar para o papel todos os aspectos que compõem a entrevista. Sobre isso nos solidariza Matucheski (2016, p. 342):

Antes de encerrar este texto, quero registrar uma tristeza minha: em quase todas as gravações das entrevistas é possível ouvir os pássaros cantando na UFPR Litoral. Esse registro me faz lembrar a paz que sinto quando estou no espaço da UFPR Litoral, e isso – aqueles sons, aquela paz – deixou o processo de transcrição menos penoso e mais lírico, mas trouxe também uma angústia: “O que fazer, nas textualizações, quanto ao canto dos pássaros?”... Não consegui uma resposta para isso. Então, registro, aqui, a limitação do papel, a limitação do texto escrito, e a minha limitação como autora destes textos: não consegui registrar o canto dos pássaros; não consegui registrar as lágrimas de um colaborador desta pesquisa; e não consegui registrar o que senti enquanto realizava essas entrevistas.

Como nos antecipa a citação de Matucheski (2016), seguida da transcrição dos áudios, há um tratamento que é possível dar aos textos, que chamamos de textualização. Compreendemos a textualização como um processo de produção de significados, que segundo Tizzo (2019, p. 379):

[...] ao procedermos com o exercício de textualização, nos envolvemos com um processo de elaboração de compreensão dos aspectos que circundam as experiências que foram narradas pelo depoente, já que tentamos estabelecer coerências para os enunciados, e avaliar os significados que eles têm para quem os enuncia.

Com relação aos procedimentos descritos até aqui, Garnica (2008, p. 153) ressalta que:

[...] alguns fazem assim, outros fazem assado, mas, de modo geral, todos concordam que uma pesquisa – qualquer que seja ela – tem um objetivo, um tema, um cenário a explorar. Concordam ainda que a oralidade é o recurso a partir do qual buscamos compreender os temas, concordam quanto às estratégias básicas para uma entrevista (seja elaborando roteiros ou perguntas de corte ou ficha, seja promovendo uma ou duas sessões de entrevistas) e concordam quanto a necessidade de transcrever e quanto a possibilidade de textualizar (embora as textualizações sejam elaboradas de diferentes maneiras).

Nós interpretamos as cercanias produzindo os depoimentos, interpretamos quando produzimos as transcrições e as textualizações e, ainda, a partir do cotejamento das fontes orais constituídas e das referências bibliográficas, construímos um mosaico, desenhamos contornos – ora de subjetividade ou coletâneo, ora de manifestações de tremores ou vibrações, uma captação do disforme do múltiplo e diverso, buscando disparar uma compreensão sobre o que nos propomos, atribuindo significados ao que obtivemos escrevendo sobre eles.

Olhar para as textualizações (narrativas constituídas por meio das entrevistas) em conjunto e individualmente, ao mesmo e em diferentes tempos, produzi-las em parceria com diferentes pessoas, de diferentes lugares, com diferentes histórias é um árduo processo: longo, tortuoso, atento, artesanal (GARNICA, 2014). Em nossa pesquisa analisamos e interpretamos cada narrativa em sua completude única; nas relações que o pesquisador detecta entre eles; nas possíveis brechas e fissuras por entre os resíduos das falas, que ao serem interpretadas, ganham novos significados atribuídos pelo pesquisador; estes, provocam a abertura de novos pensares e, então, nos possibilitam elaborar um conjunto de textos, inter-relacionados, que, conectados a esta trama, culminam em uma análise narrativa de narrativas que foi proposta nesta pesquisa. “Esses conjuntos de relações, contudo, não são imanentes aos próprios eventos, existem apenas na mente do historiador que reflete sobre eles” (WHITE, 2014, p. 111). Existindo na mente do pesquisador, que atribui sentidos a partir de leituras, de vivências e reflexões, um conjunto de relações é, então, criado e inventado intencionando pensar, de novas formas, problemas antigos.

Na procura de como desenvolver uma análise sob as fontes constituídas, nossa intenção foi elaborar uma narrativa de narrativas segundo as ideias de White (2014). Para tanto, buscamos, inicialmente, realizar uma análise de singularidades com o respaldo teórico em Martins-Salandim (2012).

Propomos, então, a produção de uma análise sobre e a partir de cada entrevista, lançando um olhar para os pontos que nos chamaram a atenção em cada uma delas e buscamos “focar as potencialidades que as formas artísticas carregam para nortear - e deixar-se nortear - pelas narrativas geradas” (GARNICA, 2008, p. 86).

Buscamos e encontramos em Martins-Salandim (2012) o nosso respaldo e a inspiração para a nossa análise de singularidades, uma vez que consideramos as vozes que nos contaram sobre as

situações vivenciadas no Grupo Escolar. Essa análise é que nos deu suporte para realçar as singularidades de cada depoente e, por meio dessa, pudemos evidenciar e registrar algumas características sobre a escola (como arquitetura do prédio escolar, as regras, demandas e rotina instituídas, condições do trabalho docente, os contextos e relações presentes no ambiente escolar). Na perspectiva da autora, a análise de singularidades pode ser entendida como um processo de sistematização de uma etapa analítica que intenciona registrar, sob o olhar do pesquisador, aspectos que caracterizam os entrevistados e os depoimentos compostos a partir de uma entrevista. Neste sentido, “buscamos registrar nossas percepções de como cada narrativa apresenta-se, seu fio condutor, suas marcas” (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 242).

Nesse exercício nos mantivemos atentos ao que Martins-Salandim (2012) indica em sua pesquisa, que uma análise de singularidades não pode e nem deve ser redizeres sintéticos dos depoentes, mas uma tentativa de atribuição de sentidos a modos próprios. Assim, optamos por uma análise onde “situa-se no terreno da contra generalização e contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas” (DELGADO, 2010, p. 18).

Posteriormente aos exercícios da análise de singularidades, onde evidenciamos as subjetividades de cada depoente relacionado ao Grupo Escolar, iniciamos a escrita da análise narrativa de narrativas orais, nos apoiamos nos ideais de White (2014) que aponta que “a história é um tipo de arte”. As narrativas históricas, segundo ele, são manifestações verbais ficcionárias, cujo conteúdo é tanto inventado quanto descoberto e cujas formas têm mais em seu comum com os seus equivalentes na literatura, do que com os seus correspondentes nas ciências (WHITE, 2014, p. 39). Para White (2014), o que distingue os relatos históricos dos ficcionais são, em essência, os conteúdos, mais do que a forma de apresentá-los, pois o conteúdo dos relatos históricos são acontecimentos reais, coisas que realmente ocorreram e não acontecimentos imaginários inventados pelo narrador.

Apresentamos em nossos registros uma análise narrativa de narrativas, segundo os ideais de White (2014)³, e nela buscamos salientar os movimentos de um Grupo Escolar Rural, sem a pretensão de redigir traços sobre a sua história, mas sim redesenhar e (re)constituir atos da história educacional campesina, nos permitindo compreender não só o universo escolar mas, também, compreendermos algo que desconhecíamos⁴. Perguntamos e procuramos formas de romper com

³ Para White (2014), o estilo não se encontra apenas no campo da escrita, mas na sua interação com o escritor, o estilo literário não inviabiliza a representação da realidade. “São, em essência, os *conteúdos*, mais do que a sua *forma* de apresentá-los, pois —o conteúdo dos relatos históricos são acontecimentos reais, coisas que realmente ocorreram, e não acontecimentos imaginários, inventados pelo narrador” (WHITE, 2014, p. 65, grifos do autor).

⁴ Os documentos oficiais do Grupo Escolar referente ao período estudado não foram encontrados. Foram realizadas buscas na Secretaria Municipal de Educação e, também, em escolas do município cujas informações nos apontavam

alguns dos silêncios e, por outro lado, questionamos as condições históricas que permitiram que esta experiência não permanecesse sepultada no passado. Trata-se, muitas vezes, de um (re)criador.

A análise narrativa de narrativas trata-se, portanto, de um movimento de buscar, de perseguir pistas e rastros, juntando peças e tomando suas incertezas em relação à história que escreve como ponto de partida para iniciar e, cada vez mais, aprofundar uma investigação na qual devem estar tanto quanto explícitas as intercambiantes relações que tecem o contexto temporal e geográfico, portanto, é um contexto entendido como lugar de possibilidades historicamente determinadas.

Todo esse movimento nos levou a criação do nosso Produto Educacional “*Eu conto, Tu contas, Nós contamos: histórias sobre o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes*”, pois consideramos que as narrativas que produzimos com cada depoente e, nossa narrativa de narrativas, são registros históricos da escola, são vozes que nos potencializam (re)criar uma escola rural e na falta dos documentos oficiais foram as vozes que ecoaram abrindo o caminho, o discurso de cada depoente, foi a força que possibilitou a produção de múltiplas histórias, de variados sentidos. O que produzimos, portanto, são discursos. Elaboraões que, uma vez manifestadas/criadas na/pela linguagem, são fixadas pela escrita.

Acreditamos que nenhum documento histórico é o reflexo inequívoco do acontecimento, do “real”, mas elaborações intencionalmente produzidas por alguém em um determinado tempo e espaço. Os significados produzidos, seja em uma narrativa, seja a partir de vestígios físicos, são construções, fluxos inseridos sem um movimento de transformação ao longo do tempo. Essa característica temporal é o que faz com que, no limite, não haja uma narrativa completa, acabada. O que fazemos ao narrar é registrar uma história.

Na sequência deste texto apresentamos um recorte da narrativa do volume 3 desta coleção.

Esta narrativa é apenas uma das muitas formas de relatar, contar, compor uma construção ficcional que se alimenta de poderosos saltos imaginativos configurados sob a visão de quem presenciou esta escola. Graças a eles, transcendemos qualquer fronteira: quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido!

Essa história não começa com um “era uma vez”, que num passe de mágica nos transporta, eu e você, para uma terra, um lugar muito distante, cheio de encanto, num tempo sem tempo, com personagens fabulosos e estranhos. Um mergulhar ao fundo do encantamento.

As terras (nem tão encantadas e nem tão distantes) em que se passam esta história são as do Estado do Paraná, mais precisamente, do norte do estado do Paraná, no município de

como possíveis lugares em que haviam sido guardados os documentos do Grupo Escolar, porém não houve êxito em nenhuma das nossas buscas.

Bandeirantes. Um passado contado e revivido pelas vozes que nos contaram fatos, que fizeram florescer a história por onde a poeira já fazia morada, se escondia, se silenciava. Escondidos sob as marcas temporais, as memórias, as lembranças, esperavam (talvez) a chance de despertar e este movimento de pesquisa ecoou feito um lampejo, como a brisa, o fertilizante necessário para que brotassem daquele chão, as histórias, pela arte de rememorar.

Terras conhecidas como terra vermelha, terra roxa, que fizeram surgir plantações de cana de açúcar e que surgiu uma usina de açúcar bem ali. Neste momento a porta se abriu, a população foi surgindo numa multidão e se instalaram, veio gente de todo lado, construindo suas casas de madeira, simples e modestas, casas, casinhas, casarão... o tamanho era insignificante, lá cabiam todos e isso era dignificante, inúmeras delas, espalhadas pela extensão dessas terras, talvez, podemos dizer que essas eram, também, terras da esperança.

Um povo que trilhou na procura de versos livres, a evolução, aprendendo o tempo de plantar e de colher, num tempo que o tempo escorre, num tempo de 1947. Neste tempo bem demarcado, de vida dura, a data foi um convite para todos virem bem de perto. Em 1947, sobre essa terra se estendia um tapete da educação, uma escola: o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes, entre a poeira e a fumaça, entre a usina e a estrada, entre as casas e as passagens, dividindo nesse espaço a extensão de todos os quintais. Assim nasceu para aquele povo uma possibilidade de acesso à educação.

Agora contaremos o que a escola tinha de extraordinária: situava-se em um terreno seco, ao centro das casas de madeiras com teto de telhas que giravam em torno de si como um novelo, ao lado de uma usina cinza de pedras, desdobrando roldanas, soltando fumaça, construções de diferentes alturas, ligadas por uma estrada de poeira, ergueu-se com linhas e curvas arquitetônicas o prédio escolar. Eis o que se conta a respeito de sua fundação: homens e mulheres que trabalhavam nas terras, cortando cana, das mais diferentes raças, tinham um sonho, sonhavam uma escola para seus filhos, assim o dono da usina decidiu construir uma escola como a do sonho.

Salas de aulas bem poucas, dentro havia algumas carteiras, um quadro de giz e, bem à frente, a mesa da professora, ao fundo um armário, crianças separadas em grupos chamados “séries”, um chão vermelho, um corredor bem limpo e ao meio uma passadeira, corredor este não tão comprido levava para a porta de entrada, do lado de fora um pátio, depois se tinha as extensões de todos os quintais. Lembre-se que era preciso esquecer quase tudo que se sabe sobre uma escola de hoje para entender essa aqui. Então, nos arriscamos a dizer que sob a visão daqueles que vivenciaram esse Grupo Escolar, a escola era um luxo!

E havia uma passadeira... Ah! A passadeira, sempre a passadeira, é passagem, é regra, é a passadeira! Sem muito charme, mas na escola que ensinava saberes, ela ganhava um lugar de

destaque. Ganha destaque, também, nas memórias. Frequentavam, passeavam juntos ou isolados, deslizavam seus passos bem calculados, sobre a passadeira, nada de pisar fora. Ai de pisar fora! Jamais, não podia pisar fora da passadeira, e todos obedeciam... é passagem, é regra, é a passadeira! E regras nessa escola eram sempre obedecidas. Aos olhos de outros alunos, a passadeira era vista como sinônimo de limpeza. Limpeza, palavra que caracterizava muito essa escola, era possível notar, desde o chão vermelho até a luz que iluminava, a limpeza também fazia morada nessa escola que ensinava saberes, em meio à fuligem, em meio à poeira. É passagem, é regra e também limpeza! Atravessavam a passadeira com passos equilibrados, chegavam à sala de aula, antes das professoras começarem a ensinar os novos saberes, havia o momento de rezar. Todos em pé. Postura! A escola era um modelo de educação, era assim que todos viam aquela escola. Espaço que recebia durante as manhãs e as tardes todas as crianças que residiam em seu entorno. O soar do sino avisava que estava na hora de começar a aula, todos já sabiam que tinham que ir para a fila. Era assim que iniciava mais um dia de aula em que a gurizada aprendia novas lições na escola. Passadeira, hino, prece, badalar do sino, fila! Aprendiam números, contas, ler e escrever, a lição da vida, num tempo com tempo, a educação fez moradia e refletia a luz que procuravam. Nesse espaço localizado bem no centro das casinhas de madeira, as crianças se aproximavam, estudavam com o que tinham, não importava o que diziam, era tudo assim, na simplicidade de um povo.

Quem a viu uma vez nunca mais conseguiu esquecer, como uma escola memorável uma imagem extraordinária nas recordações. A escola que ensinava saberes deixou sua propriedade permanecida na memória ponto por ponto, na sucessão das estradas de poeira e das casas de madeiras ao longo da fumaça, das portas e janelas das casas, demonstrando toda sua particular beleza ou raridade.

O seu segredo é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota. Quem passou por seus bancos escolares, à noite, quando não consegue dormir, imagina caminhar pela estrada de poeira e recorda a sequência em que se sucedem, as casas de madeira, a porta de entrada, o chão vermelho, a passadeira, a travessa que leva ao pátio, o mastro com a bandeira, as salas de aulas, o quadro rabiscado, a usina de pedras cinzas soltando fumaça. Essa escola não se elimina da cabeça, é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar: nomes ilustres, virtudes, números, datas de batalhas, partes do discurso. Entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação da memória.

Em 1977, o Grupo Escolar se desbota, apagam-se os florões, os traços e as curvas perdem seus contornos. Trinta anos depois a escola que ensinava saberes definiu-se, desfez-se. Acabou o Grupo Escolar, seus costumes, suas ideologias de ensino, o prédio cedeu lugar a outra escola e

outros valores... Não há mais o Hino Nacional e o hastear da bandeira, não há mais a prece, o badalar do sino silenciou-se e não dispara mais a formação da fila. Não há fila, não há regras, não há castigos, não há obediência, nem provas, nem a diretora! Perderam-se os documentos oficiais, mas há memórias, há histórias que não se perderam quando se fecharam as portas e as janelas do Grupo. A escola física continuou, o Grupo continuou nas memórias. Continuou a passadeira. Ah, a passadeira... que passa, que leva, que continua viva em memória e suas distintas funções sempre permanecerão.

Agora a escola que ensinava saberes se tornou um museu: os habitantes, os alunos e as professoras a visitam por meio de suas memórias, correspondem aos seus desejos, contemplam-na imaginando, percorrendo por cada lembrança e deslizando pela espiral das vivências em forma de caracol.

Fechando o texto e disparando reflexões

Elaborar um produto educacional é um movimento permeado, quase sempre, de incertezas. O que pode um produto educacional? Discutir sobre um produto educacional elaborado a partir de uma pesquisa que mobiliza narrativas orais, que investigou uma escola do passado, uma escola viva em memórias e não mais existente, provocou em nós bastante inquietação. Operar nessa direção não é um caminho fácil, pois exige algo do pesquisador que ele não tem, não é, e, nem ao menos, conhece. Nesse arcabouço de circulação e aprofundamento - para nós foi preciso pensar e se abrir a uma produção de um saber da experiência que acontece junto ao sujeito da experiência – a pesquisa não investiga a experiência, mas as formas de expressões em termos de saberes e poderes que se dão em meio à constituição dos sujeitos. Mobilizamos memórias de professores e alunos, e de um modo ou de outro, a escola. Mobilizamos os saberes das professoras, os modos de ensinar e aprender matemática e letras, registrando por meio da escrita e a partir de suas memórias, o cenário daquela escola.

Os movimentos iniciais de pesquisa não nos trouxeram registros de uma escola que ora fora tão representativa para aquela comunidade. Não havia registros, não havia documentos oficiais. As narrativas dos nossos colaboradores dispararam a produção de documentos, constituem fontes histórias sobre esse movimento de educação (rural) no norte do Estado do Paraná. E isso dispara em nós uma necessidade, a de elaborar um material que seja de acesso público, que registre aquela história, uma história, ao menos, do Grupo Escolar Rural. Essa necessidade e essa contribuição da nossa pesquisa se apresentam em forma de Produto Educacional. As narrativas, ao trazerem em cena as memórias de alunos e professores, ao denunciarem seus modos de ensinar e

aprender matemática e outros saberes, resgatam uma escola, a fazem reviver! Possibilitam um registro histórico.

E, então, nos questionamos sobre os modos que esse produto atende às demandas exigidas para um produto educacional num curso de ensino de matemática. Nossa preocupação está em validar essa nossa tentativa como uma possibilidade. Aceitamos que os livretos atendem às tais exigências.

Narrativas produzidas por meio da metodologia de História Oral, livretos que registram essas narrativas tornam essa(s) história(s) do Grupo Escolar acessível à comunidade e aos possíveis interessados em estudar o movimento histórico da educação, passível de ser utilizada, com mais frequência, naquele contexto social. Esta movimentação metodológica é que propiciou as discussões aqui apresentadas, desejando-se a intensificação dos estudos e ações em defesa, de que as narrativas – constituídas como fontes de pesquisa em trabalhos da História da Educação Matemática –, em nossas pesquisas, possam ser consideradas patrimônio educativo, e por meio da divulgação desse patrimônio educativo, contribuir para a produção do conhecimento científico e para sua projeção social, cultural e acadêmica.

O contato com a escola, com alunos e professores, com metodologias de ensino se deu num outro tempo, na dimensão do disparar das memórias. Escrevemos histórias, elaboramos narrativas históricas, produzimos fontes históricas, socializamos... E, entendemos, esse produto educacional permitiu e permite levar conhecimento. Podemos trazer a cena vários objetos educacionais, que são considerados pelos narradores que vivenciaram certas situações, como heranças, pois, a convergência entre as experiências narradas nos mostram que vários colaboradores comungam a intenção de manter preservada uma memória, por meio da narrativa.

Sem que fosse nossa intenção inicial, alardes do desenvolvimento da pesquisa se espalharam rapidamente naquela região e, em dado momento, fomos contactados e convidados a contribuir numa feira de ciências de uma escola do município em cena. Então, mobilizados, num projeto de uma atual escola do município de Bandeirantes- PR, os livretos foram divulgados aos alunos dessa comunidade, possibilitando reconhecimentos por parte deles e de seus familiares. Podemos afirmar, então, que este produto possui potencial de aplicabilidade? Aplicabilidade para ensinar matemática? Não! Entendemos que a aplicabilidade possível presente nos livretos está em produzir conhecimento sobre os modos, um dia mobilizados, naquele espaço geográfico, para ensinar, também, matemática e a produção de conhecimentos sociais e culturais. Aplicabilidade ao se mostrar à Secretaria de Educação local, um documento de História da Educação (Matemática), contribuindo para a permanência dessa história, único registro, talvez!

As inquietações sobre ser aplicado e aplicável que contornam nosso produto educacional são muitas. Refletimos se ser “aplicado” significa somente dar uma aula ou uma formação para professores usando o produto educacional? E o produto que foi desenvolvido junto a alunos, professores, ele é considerado “não aplicado”? Ser “aplicável” significa que alguém pode tomar o produto e dar aulas ou formações com ele, sendo que já está tudo pronto ou traçando adaptações?

Concluimos com a reflexão em torno de que é possível, por meio dos nossos estudos, entender o patrimônio educativo para além do material, no qual se busca preservar heranças educacionais, reconhecidas em discursos isolados que apesar de não possuir aparentemente ligação, estão conectados e coexistem, interagem e até se ressignificam.

Referências

DELGADO, L. A. N. **História Oral – memória, tempo, identidades**, 2^a ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

GARNICA, A. V. M. **A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

GARNICA, A. V. M. Cartografias Contemporâneas: mapear a formação de professores de Matemática. In: GARNICA, A. V. M. (Org.) **Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil**. Curitiba: Appris, 2014. p. 39-66.

LISPECTOR, C. **A legião estrangeira**, Rio de Janeiro: Rocco, 1964.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A Interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. 2012. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2012.

MATUCHESKI, S. **Diferenciação e Padronização: um estudo sobre o setor litoral da Universidade Federal do Paraná**. 2016. 458f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2016.

PORTELLI, A. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista Projeto História**, São Paulo, n.15, p. 13 - 49, 1997.

SOUZA, G. S. **Da fuligem à edificação do Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes: narrativas que contam história(s)**. 2019. 161f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Londrina – PR, 2019. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4719/1/LD_PPGMAT_M_Souza%2c_Grasielly_dos_Santos_de_2019.pdf. Acesso em 24 de novembro de 2023.

SOUZA, G. S.; ANDRADE, M. M. **Eu conto, Tu contas, Nós contamos: histórias sobre o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes.** Londrina, 2019. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4719/2/LD_PPGMAT_M_Souza%2C_Grasielly_dos_Santos_de_2019_1.pdf. Acesso em 23 de novembro de 2023.

TIZZO, V. S. **Mobilizações de narrativas na (e para a) formação de professores: potencialidades no (e a partir do) Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.** 2019. 488 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2019.

WHITE, H. **Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura** 2.ed. 1reimpr. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2014 (Ensaio de Cultura;6).